

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Bento Teixeira
Prosopopeia



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Bento Teixeira

Prosopopeia

Publicado originalmente em 1601.

Bento Teixeira
(1561? – 1618?)

“Projeto Livro Livre”

Livro 338



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com



Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor Bento Teixeira: “*Prosopopeia*”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com

BIOGRAFIA

Poeta português nascido na cidade do Porto, Portugal, autor do primeiro poema épico da literatura brasileira, *Prosopopéia*, sobre a conquista de Pernambuco, marco inicial do barroco na nossa literatura, e também sua única obra. Filho de cristãos-novos, a família transferiu-se para a capitania do Espírito Santo, na então colônia do Brasil (1567).

Estudou em colégios jesuítas, tentou seguir a carreira eclesiástica, mas desistiu e casou-se com a cristã Filipa Raposa (1584), em Ilhéus, BA. Formou-se no Colégio da Bahia e transferiu-se em seguida para Pernambuco, onde se dedicou ao magistério, à advocacia e ao comércio. Acusado pela mulher de judeu e mau cristão, foi julgado e absolvido pelo ouvidor da Vara Eclesiástica da Inquisição (1589), depois de levado a auto-de-fé. Depois foi intimado pelo visitador do Santo Ofício, ao qual fez sua confissão (1594). Revoltado, assassinou a mulher (1594) e se refugiou no mosteiro de São Bento, em Olinda. Preso durante frustrada tentativa de fuga, foi enviado para Lisboa (1595), onde inicialmente negou, mas depois admitiu a crença e prática judaicas, que abjurou em auto-de-fé (1599).

Na prisão em Lisboa, de onde não mais sairia vivo, o autor fez sua composição de elogio aos primeiros donatários de Pernambuco no poema épico *Prosopopéia* (1601), considerada uma expressão pioneira do nativismo. Tratava-se de uma composição em oitava rima, com 94 estrofes, exaltando a obra de Jorge de Albuquerque Coelho, donatário da capitania de Pernambuco, obedecendo ao modelo Camoniano, considerada cansativa e laudatória, de valor puramente histórico.

Referência bibliográfica:

Portal da Unidade Acadêmica de Engenharia Civil Universidade Federal de Campina Grande
Centro de Tecnologia e Recursos Naturais, disponível em: www.uaec.ufcg.edu.br

ÍNDICE

PRÓLOGO.....	1
NARRAÇÃO.....	3
DESCRIÇÃO DO RECIFE DE PARANAMBUCO.....	5
EPÍLOGO.....	23
SONETO PER ECOS, AO MESMO SENHOR JORGE D'ALBUQUERQUE COELHO.....	23

PRÓLOGO

Dirigido a Jorge d'Albuquerque Coelho, Capitão e Governador da Capitania de Pernambuco, das partes do Brasil da Nova Lusitânia, etc.

Se é verdade o que diz Horácio que Poetas e Pintores estão no mesmo predicamento; e estes pera pintarem perfeitamente uma Imagem, primeiro na lisa távoa fazem riscunho, pera depois irem pintando os membros dela extensamente, até realçarem as tintas, e ela ficar na fineza de sua perfeição; assim eu, querendo dibuxar com obstarido pinzel de meu engenho a viva Imagem da vida e feitos memoráveis de vossa mercê, quis primeiro fazer este riscunho, pera depois, sendo-me concedido por vossa mercê, ir mui particularmente pintando os membros desta Imagem, se não me faltar a tinta do favor de vossa mercê, a quem peço, humildemente, receba minhas Rimas, por serem as primícias com que tento servi-lo. E porque entendo que as aceitará com aquela benevolência e brandura natural, que custuma, respeitando mais a pureza do ânimo que a vileza do presente, não me fica mais que desejar, se não ver a vida de vossa mercê augmentada e estado prosperado, como todos os seus súbditos desejamos.

Beija as mãos de vossa mercê: (Bento Teixeira)

Seu vassalo.

Dirigida a Jorge d'Albuquerque Coelho,

Capitão e Governador de Pernambuco, Nova Lusitânia, etc.

I

Cantem Poetas o Poder Romano,
Sobmetendo Nações ao jugo duro;
O Mantuano pinte o Rei Troiano,
Descendo à confusão do Reino escuro;
Que eu canto um Albuquerque soberano,
Da Fé, da cara Pátria firme muro,
Cujo valor e ser, que o Ceo lhe inspira,
Pode estancar a Lácia e Grega lira.

II

As Déléficas irmãs chamar não quero,
que tal invocação é vão estudo;
Aquele chamo só, de quem espero
A vida que se espera em fim de tudo.
Ele fará meu Verso tão sincero,
Quanto fora sem ele tosco e rudo,
Que per razão negar não deve o menos
Quem deu o mais a míseros terrenos.

III

E vós, sublime Jorge, em quem se esmalta
A Estirpe d'Albuquerque excelente,
E cujo eco da fama corre e salta
Do Cauro Glacial à Zona ardente,
Suspendei por agora a mente alta
Dos casos vários da Olindesa gente,
E vereis vosso irmão e vós supremo
No valor abater Querino e Remo.

IV

Vereis um sinil ânimo arriscado
A trances e conflicts temerosos,
E seu raro valor executado
Em corpos Luteranos vigurosos.
Vereis seu Estandarte derribado
Aos Católicos pés victoriosos,
Vereis em fim o garbo e alto brio
Do famoso Albuquerque vosso Tio.

V

Mas em quanto Talia no se atreve,
No Mar do valor vosso, abrir entrada,
Aspirai com favor a Barca leve

De minha Musa inculta e mal limada.
Invocar vossa graça mais se deve
Que toda a dos antigos celebrada,
Porque ela me fará que participe
Doutro licor melhor que o de Aganipe.

VI

O marchetado Carro do seu Febo
Celebre o Sulmonês, com falsa pompa,
E a ruína cantando do mancebo,
Com importuna voz, os ares rompa.
Que, posto que do seu licor não bebo,
À fama espero dar tão viva trompa,
Que a grandeza de vossos feitos cante,
Com som que Ar, Fogo, Mar e Terra espante

NARRAÇÃO

VII

A Lâmpada do Sol tinha encuberto,
Ao Mundo, sua luz serena e pura,
E a irmã dos três nomes descoberto
A sua tersa e circular figura.
Lá do portal de Dite, sempre aberto,
Tinha chegado, com a noite escura,
Morfeu, que com subtis e lentos passos
Atar vem dos mortais os membros lassos.

VIII

Tudo estava quieto e sossegado,
Só com as flores Zéfiro brincava,
E da vária fineza namorado,
De quando em quando o respirar firmava
Até que sua dor, d'amor tocado,
Per antre folha e folha declarava.
As doces Aves nos pendentos ninhos
Cubriam com as asas seus filhinhos.

IX

As luzentes Estrelas cintilavam,
E no estanhado Mar resplandeciam,
Que, dado que no Ceo fixas estavam,
Estar no licor salso pareciam.

Este passo os sentidos comparavam
Àqueles que d'amor puro viviam,
Que, estando de seu centro e fim absentes,
Com alma e com vontade estão presentes.

X

Quando ao longo da praia, cuja area
É de Marinhas aves estampada,
E de encrespadas Conchas mil se arrea,
Assim de cor azul, como rosada,
Do mar cortando a prateada vea,
Vinha Tritão em cola duplicada,
Não lhe vi na cabeça casca posta
(Como Camões descreve) de Lagosta

XI

Mas ô a Concha lisa e bem lavrada
De rica Madrepérola trazia,
e fino Coral crespo marchetada,
Cujo lavor o natural vencia.
Estava nela ao vivo debuxada
A cruel e espantosa bataria,
Que deu a temerária e cega gente
Aos Deoses do Ceo puro e reluzente.

XII

Um Búzio desigual e retrocido
Trazia por Trombeta sonora,
De Pérolas e Aljôfar guarnecido,
Com obra mui subtil e curiosa.
Depois do Mar azul ter dividido,
Se sentou nô a pedra Cavernosa,
E com as mãos limpando a cabeleira
Da turtuosa cola fez cadeira.

XIII

Toca a Trobeta com crescido alento,
Engrossa as veas, move os elementos,
E, rebramando os ares com o acento,
Penetra o vão dos infinitos assentos.
Os Pólos que sustem o firmamento,
Abalados dos próprios fundamentos,
Fazem tremer a terra e Ceo jucundo,
E Neptuno gemer no Mar profundo.

XIV

O qual vindo da vã concavidade,
Em Carro Triunfal, com seu tridente,
Traz tão soberba pompa e majestade,
Quanta convém a Rei tão excelente.
Vem Oceano, pai de mor idade,
Com barba branca, com cerviz tremente:
Vem Glauco, vem Nereu, Deoses Marinhos,
Correm ligeros Focas e Golfinhos.

XV

Vem o velho Proteu, que vaticina
(Se fé damos à velha antiguidade)
Os males a que a sorte nos destina,
Nascidos da mortal temeridade.
Vem numa e noutra forma peregrina,
Mudando a natural propriedade.
Não troque a forma, venha confiado,
Se não quer de Aristeu ser sojigado.

XVI

Tétis, que em ser fermosa se recrea,
Traz das Ninfas o coro brando e doce :
Clímene, Efire, Ópis, Panopea,
Com Béroe, Talia, Cimodoce;
Drimo, Xanto, Licórias, Deiopea,
Aretusa, Cidipe, Filodoce,
Com Eristea, Espio, Semideas,
Após as quais, cantando, vem Sereas.

DESCRIÇÃO DO RECIFE DE PARANAMBUCO

XVII

Pera a parte do Sul, onde a pequena
Ursa se vê de guardas rodeada,
Onde o Ceo luminoso mais serena
Tem sua influência, e temperada;
Junto da Nova Lusitânia ordena
A natureza, mãe bem atentada,
Um porto tão quieto e tão seguro,
Que pera as curvas Naus serve de muro.

XVIII

É este porto tal, por estar posta
Uma cinta de pedra, inculta e viva,
Ao longo da soberba e larga costa,
Onde quebra Neptuno a fúria esquiva.
Antre a praia e pedra descomposta,
O estanhado elemento se diriva
Com tanta mansidão, que ô a fateixa
Basta ter à fatal Argos aneixa.

XIX

Em o meio desta obra alpestre e dura,
ô a boca rompeo o Mar inchado,
Que, na língua dos bárbaros escura,
Paranambuco de todos , chamado.
de Para'na, que é Mar; Puca, rotura,
Feita com fúria desse Mar salgado,
Que, sem no dirivar cometer míngua,
Cova do Mar se chama em nossa língua.

XX

Pera entrada da barra, à parte esquerda,
Está ua lajem grande e espaçosa,
Que de Piratas fora total perda,
Se ô a torre tivera sumptuosa.
Mas quem por seus serviços bons não herda
Desgosta de fazer cousa lustrosa,
Que a condição do Rei que não é franco
O vassalo faz ser nas obras manco.

XXI

Sendo os Deoses à lajem já chegados,
Estando o vento em calma, o Mar quieto,
Depois de estarem todos sossegados,
Per mandado do Rei e per decreto,
Proteu, no Ceo cos olhos enlevados,
Como que invistigava alto secreto,
Com voz bem entoada e bom meneio,
Ao profundo silêncio larga o freio.

XXII

"Pelos ares retumbe o grave acento

De minha rouca voz, confusa e lenta,
Qual torvão espantoso e violento
De repentina e hórrida tormenta;
Ao Rio de Aqueronte turbulento,
Que em sulfúreas burbulhas arrebenta,
Passe com tal vigor, que imprima espanto
Em Minos riguroso e Radamanto.

XXIII

De lanças e d'escudos encantados
Não tratarei em numerosa Rima,
Mais de Barões Ilustres afamados,
Mais que quantos a Musa não sublima.
Seus heroicos feitos extremados
Afinarão a dissoante prima,
Que não é muito tão gentil sujeito
Suprir com seus quilates meu defeito.

XXIV

Não quero no meu Canto alguma ajuda
Das nove moradoras de Parnaso,
Nem matéria tão alta quer que aluda
Nada ao essencial deste meu caso.
Porque, dado que a forma se me muda,
Em falar a verdade serei raso,
Que assim convém fazê-lo quem escreve,
Se à justiça quer dar o que se deve.

XXV

A fama dos antigos coa moderna
Fica perdendo o preço sublimado:
A façanha cruel, que a turva Lerna
Espanta com estrondo d'arco armado:
O cão de três gargantas, que na eterna
Confusão infernal está fechado,
Não louve o braço de Hércules Tebano.
Pois procede Albuquerque soberano.

XXVI

Vejo (diz o bom velho) que, na mente,
O tempo de Saturno renovado,
E a opulenta Olinda florescente

Chegar ao cume do supremo estado.
Ser de fera e belicosa gente
O seu largo destricto povoado;
Por nome ter Nova Lusitânia,
Das Leis isenta da fatal insânia.

XXVII

As rédeas ter desta Lusitânia
O grão Duarte, valeroso e claro,
Coelho por cognome, que a insânia
Reprimir dos seus, com saber raro.
Outro Troiano Pio, que em Dardânia
Os Penates livrou e o padre caro;
Um Públio Cipião, na continência;
Outro Nestor e Fábio, na prudência.

XXVIII

O braço invicto vejo com que amansa
A dura cerviz bárbara insolente,
Instruindo na Fé, dando esperança
Do bem que sempre dura e , presente;
Eu vejo co rigor da tesa lança
Acossar o Francês, impaciente
De lhe ver alcançar ua victória
Tão capaz e tão digna de memória.

XXIX

Ter o varão illustre da consorte,
Dona Beatriz, preclara e excelente,
Dous filhos, de valor e d'alta sorte.
Cada qual a seu Tronco respondente.
Estes se isentarão da cruel sorte,
Eclipsando o nome ... Romana gente,
De modo que esquecida a fama velha
Façam arcar ao mundo a sobancelha.

XXX

O Princípio de sua Primavera
Gastarão seu destricto dilatando,
Os bárbaros cruéis e gente Austera,
Com meio singular, domesticando.
E primeiro que a espada lisa e fera

Arranquem, com mil meios d'amor brando,
Pretenderão tirá-la de seu erro,
E senão porão tudo a fogo e ferro.

XXXI

Os braços vigorosos e constantes
Fenderão peitos, abrirão costados,
Deixando de mil membros palpitantes
Caminhos, arraiais, campos juncados;
Cercas soberbas, fortes repugnantes
Serão dos novos Martes arrasados,
Sem ficar deles todos mais memória
Que a qu'eu fazendo vou em esta História.

XXXII

Quais dous soberbos Rios espumosos,
Que, de montes altíssimos manando,
Em Tétis de meter-se desejosos,
Vem com fúria crescida murmurando,
E nas partes que passam furiosos
Vem árvores e troncos arrancando,
Tal Jorge d'Albuquerque e o grão Duarte
Farão destruição em toda a parte.

XXXIII

Aquele branco Cisne venerando,
Que nova fama quer o Ceo que merque,
E me está com seus feitos provocando,
Que dele cante e sobre ele alterque;
Aquele que na Idea estou pintando,
Hierônimo sublime d'Albuquerque
Se diz, cuja invenção, cujo artifício
Aos bárbaros dar total exício.

XXXIV

Deste, como de Tronco florescente,
Nascerão muitos ramos, que esperança
Prometerão a todos geralmente
De nos berços do Sol pregar a lança.
Mas, quando virem que do Rei potente
O pai por seus serviços não alcança
O galardão devido e glória digna,

Ficarão nos alpendres da Piscina.

XXXV

Ó sorte tão cruel, como mudável,
Por que usurpas aos bons o seu direito?
Escolhes sempre o mais abominável,
Reprovas e abominas o perfeito,
O menos digno fazes agradável,
O agradável mais, menos aceito.
Ó frágil, inconstante, quebradiça,
Roubadora dos bens e da justiça!

XXXVI

Não tens poder algum, se houver prudência;
Não tens Império algum, nem Majestade;
Mas a mortal cigueira e a demência
Co título te honrou de Deidade.
O sábio tem domínio na influência
Celeste e na potência da vontade,
E se o fim não alcança desejado,
É por não ser o meio acomodado.

XXXVII

Este meio faltará ao velho invicto,
Mas não cometerá nenhum defeito,
Que o seu calificado e alto espirito
Lhe fará a quanto deve ter respeito.
Aqui Balisário, e Pacheco aflicto,
Cerra com ele o número perfeito.
Sobre os três, ô a dúvida se excita:
Qual foi mais, se o esforço, se a desdita?

XXXVIII

Foi o filho de Anquises, foi Acates,
À região do Caos litigioso,
Com ramo d'ouro fino e de quilates,
Chegando ao campo Elíseo deleitoso.
Quão mal, por falta deste, a muitos trates
(Ó sorte!) neste tempo trabalhoso,
Bem claro no-lo mostra a experiência
Em poder mais que a justiça a aderência.

XXXIX

Mas deixando (dizia) ao tempo avaro

Cousas que Deos eterno e ele cura,
E tornando ao Preságio novo e raro,
Que na parte mental se me figura,
De Jorge d'Albuquerque, forte e claro,
A despeito direi da enveja pura,
Pera o qual monta pouco a culta Musa,
Que Meónio em louvar Aquiles usa.

XL

Bem sei que, se seus feitos não sublimo,
É roubo que lhe faço mui notável;
Se o faço como devo, sei que imprimo
Escândalo no vulgo variável.
Mas o dente de Zoilo, nem Minimo,
Estimo muito pouco, que agradável
É impossível ser nenhum que canta
Proezas de valor e glória tanta.

XLI

Uô a cousa me faz dificuldade
E o espirito profético me cansa,
A qual é ter no vulgo autoridade
Só aquilo a que sua força alcança.
Mas, se é um caso raro, ou novidade
Das que, de tempo em tempo, o tempo lança,
Tal crédito lhe dão, que me lastima
Ver a verdade o pouco que se estima."

XLII

E prosseguindo (diz: "que Sol luzente
Vem d'ouro as brancas nuvens perfilando,
Que está com braço indômito e valente
A fama dos antigos eclipsando;
Em quem o esforço todo juntamente
Se está como em seu centro tresladando?
É Jorge d'Albuquerque mais invicto
Que o que desceo ao Reino de Cocito.

XLIII

Depois de ter o Bárbaro difuso
E roto, as portas fechar de Jano,
Por vir ao Reino do valente Luso
E tentar a fortuna do Oceano."
Um pouco aqui Proteu, como confuso,

Estava receando o grave dano,
Que havia de crescer ao claro Herói
No Reino aonde vive Cimotoe.

XLIV

"Sei mui certo do fado (prossegua)
Que trará o Lusitano por designo
Escurecer o esforço e valentia
Do braço Assírio, Grego e do Latino.
Mas este pressuposto e fantasia
Lhe tirará de enveja o seu destino,
Que conjurando com os Elementos
Abalará do Mar os fundamentos.

XLV

Porque Lémnio cruel, de quem descende
A Bárbara progênie e insolência,
Vendo que o Albuquerque tanto ofende
Gente que dele tem a descendência,
Com mil meos ilícitos pretende
Fazer irreparável resistência
Ao claro Jorge, baroil e forte,
Em quem não dominava a vária sorte.

XLVI

Na parte mais secreta da memória,
Terá mui escripta. impressa e estampada
Aquela triste e maranhada História,
Com Marte, sobre Vênus celebrada.
Verá que seu primor e clara glória
Há de ficar em Lete sepultada,
Se o braço Português victória alcança
Da nação que tem nele confiança.

XLVII

E com rosto cruel e furibundo,
Dos encovados olhos cintilando,
Férvido, impaciente, pelo mundo
Andará estas palavras derramando":
- Pôde Nictélio só no Mar profundo
Sorver as Naus Meónias navegando,
Não sendo mor Senhor, nem mais possante
Nem filho mais mimoso do Tonante?

XLVIII

E pôde Juno andar tantos enganos,
Sem razão, contra Troia maquinando,
E fazer que o Rei justo dos Troianos
Andasse tanto tempo o Mar sulcando?
E que vindo no cabo de dez anos,
De Cila e de Caríbdis escapando,
Chegasse à desejada e nova terra,
E co Latino Rei tivesse guerra?

XLIX

E pôde Palas subverter no Ponto
O filho de Oileu per causa leve?
Tentar outros casos que não conto
Por me não dar lugar o tempo breve?
E que eu por mil razões, que não aponto,
A quem do fado a lei render se deve,
Do que tenho tentado já desista,
E a gente Lusitana me resista?

L

Eu por ventura sou Deus indigete,
Nascido da progênie dos humanos,
Ou não entro no número dos sete,
Celestes, imortais e soberanos?
A quarta Esfera a mim não se comete?
Não tenho em meu poder os Centimanos?
Jove não tem o Ceo? O Mar, Tridente?
Plutão, o Reino da danada gente?

LI

Em preço, ser, valor, ou em nobreza,
Qual dos supremos é mais qu'eu altivo?
Se Neptuno do Mar tem a braveza,
Eu tenho a região do fogo activo.
Se Dite aflige as almas com crueza,
E vós, Ciclopes três, com fogo vivo,
Se os raios vibra Jove, irado e fero,
Eu na forja do monte lhos tempero.

LII

E com ser de tão alta Majestade,
Não me sabem guardar nenhum respeito?
E um povo tão pequeno em quantidade

Tantas batalhas vence a meu despeito?
E que seja agressor de tal maldade
O adúltero lascivo do meu leito?
Não sabe que meu ser ao seu precede,
E que prendê-lo posso noutra rede?

LIII

Mas seu intento não porá no fito,
Por mais que contra mim o Ceo conjure,
Que tudo tem em fim termo finito,
E o tempo não há cousa que não cure.
Moverei de Neptuno o grão districto
Pera que meu partido mais segure,
E quero ver no fim desta jornada
Se val a Marte escudo, lança, espada.

LIV

"Estas palavras tais, do cruel peito,
Soltará dos Ciclopes o tirano,
As quais procurará pôr em efeito,
Às cavernas descendo do Oceano.
E com mostras d'amor brando e aceito,
De ti, Neptuno claro e soberano,
Alcançará seu fim: o novo jogo,
Entrar no Reino d'Água o Rei do fogo.

LV

Logo da Pátria Eólia virão ventos,
Todos como esquadrão mui bem formado,
Euro, Noto os Marítimos assentos
Terão com seu furor demasiado.
Fará natura vários movimentos,
O seu Caos repetindo já passado,
De sorte que os varões fortes e válidos
De medo mostrarão os rostos pálidos.

LVI

Se Jorge d'Albuquerque soberano,
Com peito juvenil, nunca domado,
Vencerá da Fortuna e Mar insano
A braveza e rigor inopinado,
Mil vezes o Argonauta desumano,
Da sede e cruel fome estimulado,
Urdirá aos consortes morte dura,

Pera dar-lhes no ventre sepultura.

LVII

E vendo o Capitão calificado
Empresa tão cruel e tão inica,
Per meio mui secreto, acomodado,
Dela como convém se certifica.
E, dô a graça natural ornado,
Os peitos alterados edifica,
Vencendo, com Tuliana eloquência,
Do modo que direi, tanta demência."

LVIII

- Companheiros leais, a quem no Coro
Das Musas tem a fama entronizado,
Não deveis ignorar, que não ignoro,
Os trabalhos que haveis no Mar passado.
Respondestes 'te 'gora com o foro,
Devido a nosso Luso celebrado,
Mostrando-vos mais firmes contra a sorte
Do que ela contra nós se mostra forte.

LIX

Vós de Cila e Caríbdis escapando,
De mil baixos e sirtes arenosas,
Vindes num lenho côncavo cortando
As inquietas ondas espumosas.
Da fome e da sede o rigor passando,
E outras faltas em fim dificultosas,
Convém-vos adquirir ô a força nova,
Que o fim as cousas examina e prova.

LX

Olhai o grande gozo e doce glória
Que tereis quando, postos em descanso,
Contardes esta larga e triste história,
Junto do pátrio lar, seguro e manso.
Que vai da batalha a ter victória,
O que do Mar inchado a um remanso,
Isso então haverá de vosso estado
Aos males que tiverdes já passado.

LXI

Per perigos cruéis, per casos vários,

Hemos d'entrar no porto Lusitano,
E suposto que temos mil contrários
Que se parcialdam com Vulcano,
De nossa parte os meios ordinários
Não faltem, que não falta o Soberano,
Poupei-vos pera a próspera fortuna,
E, adversa, não temais por importuna.

LXII

Os heroicos feitos dos antigos
Tende vivos e impressos na memória:
Ali vereis esforço nos perigos,
Ali ordem na paz, digna de glória.
Ali, com dura morte de inimigos,
Feita imortal a vida transitória,
Ali, no mor quilate de fineza,
Vereis aposentada a Fortaleza.

LXIII

Agora escurecer quereis o raio
Destes Barões tão claros e eminentes,
Tentando dar princípio e dar ensaio
A cousas temerárias e indecentes.
Imprimem neste Peito tal desmaio
Tão graves e terríveis acidentes
Que a dor crescida as forças me quebranta,
E se pega a voz débil à garganta.

LXIV

De que servem proezas e façanhas,
E tentar o rigor da sorte dura?
Que aproveita correr terras estranhas,
Pois faz um torpe fim a fama escura?
Que mais torpe que ver uas entranhas
Humanas dar a humanos sepultura,
Cousa que a natureza e lei impede,
E escassamente às Feras só concede.

LXV

Mas primeiro crerei que houve Gigantes
De cem mãos, e da Mãe Terra gerados,
E Quimeras ardentes e flamantes,
Com outros feros monstros encantados;
Primeiro que de peitos tão constantes

Veja sair efeitos reprovados,
Que não podem (falando simplesmente)
Nascer trevas da luz resplandecente.

LXVI

E se determinais a cega fúria
Executar de tão feroz intento,
A mim fazei o mal, a mim a injúria,
Fiquem livres os mais de tal tormento.
Mas o Senhor que assiste na alta Cúria
Um mal atalhará tão violento,
Dando-nos brando Mar, vento galerno,
Com que vamos no Minho entrar paterno.

LXVII

"Tais palavras do peito seu magnânimo
Lançará o Albuquerque famosíssimo,
Do soldado remisso e pusilânimo,
Fazendo com tal prática fortíssimo.
E assim todos concordes, e num ânimo,
Vencerão o furor do Mar bravíssimo,
Até que já a Fortuna, d'enfadada,
Chegar os deixe a Pátria desejada.

LXVIII

À Cidade de Ulisses destroçados
Chegarão da Fortuna e Reino salso,
Os Templos visitando Consagrados,
Em procissão, e cada qual descalço.
Desta maneira ficarão frustrados
Os pensamentos vãos de Lémnio falso,
Que o mau tirar não pode o benefício
Que ao bom tem prometido o Ceo propício.

LXIX

Neste tempo Sebasto Lusitano,
Rei que domina as águas do grão Douro,
Ao Reino passará do Mauritano,
E a lança tingirá em sangue Mouro;
O famoso Albuquerque, mais ufano
Que Iason na conquista do veio d'ouro,
E seu Irmão, Duarte valeroso,
Irá co Rei altivo, Imperioso.

LXX

Nô a Nau, mais que Pístris, e Centauro,
E que Argos venturosa celebrada,
Partirão a ganhar o verde Lauro
À região da secta reprovada.
E depois de chegar ao Reino Mauro,
Os dous irmãos, com lança e com espada,
Farão nos Agarenos mais estrago
Do que em Romanos fez o de Cartago.

LXXI

Mas, ah! ínvida sorte, quão incertos
São teus bens e quão certas as mudanças;
Quão brevemente cortas os enxertos
A ô as mal nascidas esperanças.
Nos mais riscosos trances, nos apertos,
Antre mortais pelouros, antre lanças,
Prometes triunfal palma e victória,
Pera tirar no fim a fama, a glória.

LXXII

Assim sucederá nesta batalha
Ao mal afortunado Rei ufano,
A quem não valerá provada malha,
Nem escudo d'obreiros de Vulcano.
Porque no tempo que ele mais trabalha
Victória conseguir do Mauritano
Num momento se vê cego e confuso,
E com seu esquadrão roto e difuso".

LXXIII

Anteparou aqui Proteu, mudando
As cores e figura monstruosa,
No gesto e movimento seu mostrando
Ser o que há de dizer cousa espantosa.
E com nova eficácia começando
A soltar a voz alta e vigorosa,
Estas palavras tais tira do peito,
Que é cofre de profético conceito:

LXXIV

"Antre armas desiguais, antre tambores
De som confuso, rouco e redobrado,
Antre cavalos bravos corredores,

Antre a fúria do pó, que é salitrado;
Antre sanha, furor, antre clamores,
Antre tumulto cego e desmandado,
Antre nuvens de setas Mauritanas,
Andará o Rei das gentes Lusitanas.

LXXV

No animal de Neptuno, já cansado
Do prolixo combate, e mal ferido,
Será visto por Jorge sublimado,
Andando quási fora de sentido.
O que vendo o grande Albuquerque ousado,
De tão trágico passo condoído,
Ao peito fogo dando, aos olhos água,
Tais palavras dirá, tintas em magoa":

LXXVI

- Tão infelice Rei, como esforçado,
Com lágrimas de tantos tão pedido,
Com lágrimas de tantos alcançado,
Com lágrimas do Reino, em fim perdido.
Vejo-vos co cavalo já cansado,
A vós, nunca cansado, mas ferido,
Salvai em este meu a vossa vida,
Que a minha pouco vai em ser perdida.

LXXVII

Em vós do Luso Reino a confiança
Estriba, como em base só, fortíssimo;
Com vós ficardes vivo, segurança
Lhe resta de ser sempre florentíssimo.
Antre duros farpões e Maura lança,
Deixai este vassalo fidelíssimo,
Que ele fará por vós mais que Zopiro
Por Dario, até dar final suspiro.

LXXVIII

"Assim dirá o Herói, e com destreza
Deixará o genete velocíssimo,
E a seu Rei o dará: Ó Portuguesa
Lealdade do tempo florentíssimo!
O Rei Promete, se de tal empresa
Sai vivo, o fará senhor grandíssimo,

Mas 'te nisto lhe será avara a sorte,
Pois tudo cubrirá com sombra a morte.

LXXIX

Com lágrimas d'amor e de brandura,
De seu Senhor querido ali se espede,
E que a vida importante e mal segura
Assegurasse bem, muito lhe pede,
Torna à batalha sanguinosa e dura,
O esquadrão rompe dos de Mafamede,
Lastima, fere, corta, fende, mata,
Decepa, apouca, assola, desbarata.

LXXX

Com força não domada e alto brio,
Em sangue Mouro todo já banhado,
Do seu vendo correr um caudal Rio,
De gíolhos se pôs, debilitado.
Ali dando a mortais golpes desvio,
De feridas medonhas trespassado,
Será captivo, e da proterva gente
Maniatado em fim mui cruelmente.

LXXXI

Mas adonde me leva o pensamento?
Bem parece que sou caduco e velho,
Pois sepulto no Mar do esquecimento
A Duarte sem par, dicto Coelho.
Aqui mister havia um novo alento
Do Poder Divinal e alto Conselho,
Porque não hai quem feitos tais presuma
A termo reduzir e breve suma.

LXXXII

Mas se o Ceo transparente e alta Cúria
Me for tão favorável, como espero,
Com voz sonora, com crescida fúria,
Hei de cantar Duarte e Jorge fero.
Quero livrar do tempo e sua injúria
Estes claros irmãos, que tanto quero,
Mas, tornando outra vez a triste História,
Um caso direi digno de memória.

LXXXIII

Andava o novo Marte destruindo
Os esquadões soberbos Mauritanos,
Quando sem tino algum viu ir fugindo
Os tímedos e lassos Lusitanos.
O que de Pura mágoa não sufrindo
Lhe diz"; - Donde vos is, homens insanos?
Que digo: homens, estátuas sem sentido,
Pois não sentis o bem que haveis perdido?

LXXXIV

Olhai aquele esforço antigo e puro
Dos ínclitos e fortes Lusitanos,
Da Pátria e liberdade um firme muro
Verdugo de arrogantes Mauritanos;
Exemplo singular pera o futuro
Dictado, e resplendor de nossos anos,
Subjeito mui capaz, matéria digna
Da Mantuana e Homérica Buzina.

LXXXV

Ponde isto por espelho, por treslado,
Nesta tão temerária e nova empresa.
Nele vereis que tendes já manchado
De vossa descendência a fortaleza.
À batalha tornai com peito ousado,
Militai sem receo, nem fraqueza,
Olhai que o torpe medo é Crocodilo
Que custuma, a quem foge, persegui-lo.

LXXXVI

E se o dito a tornar vos não compele,
Vede donde deixais o Rei sublime?
Que conta haveis de dar ao Reino dele?
Que desculpa terá, tão grave crime?
Quem haverá que por traição não sele
Um mal que tanto mal no mundo imprime?
Tornai, tornai, invictos Portugueses,
Cerceai malhas e fendei arneses.

LXXXVII

"Assim dirá: mas eles sem respeito
À honra e ser de seus antepassados
Com pálido temor no frio peito,
Irão per várias partes derramados.

Duarte, vendo neles tal defeito,
Lhe dirá": - Corações efeminados,
Lá contareis aos vivos o que vistes,
Porque eu direi aos mortos que fugistes.

LXXXVIII

"Neste passo carrega a Maura força
Sobre o Barão insigne e velicoso;
Ele, onde vê mais força, ali se esforça,
Mostrando-se no fim mais animoso.
Mas o fado, que quer que a razão torça.
O caminho mais recto e proveitoso,
Fará que num momento abreviado
Seja captivo, preso e mal tratado.

LXXXIX

Eis ambos os irmãos em captiveiro.
De Peitos tão protervos e obstinados,
Por cópia inumerável de dinheiro
Serão (segundo vejo) resgatados.
Mas o resgate e preço verdadeiro,
Por quem os homens foram libertados,
Chamará neste tempo o grão Duarte,
Pera no claro Olimpo lhe dar parte.

XC

Ó Alma tão ditosa como pura,
Parte a gozar dos dotes dessa glória,
Donde terás a vida tão segura,
Quanto tem de mudança a transitória!
Goza lá dessa luz que sempre dura;
No mundo gozarás da larga história,
Ficando no lustroso e rico Templo
Da Ninfa Gigantea por exemplo.

XCI

Mas, enquanto te dão a sepultura,
Contemplo a tua Olinda celebrada,
Cuberta de fúnebre vestidura,
Inculto, sem feição, descabelada.
Quero-a deixar chorar morte tão dura
'Té que seja de Jorge consolada,
Que por ti na Ulissea fica em pranto,
Em quanto me disponho a novo Canto.

XCII

Não mais, espírito meu, que estou cansado,
Deste difuso, largo e triste Canto,
Que o mais será de mim depois cantado
Per tal modo, que cause ao mundo espanto.
Já no balcão do Ceo o seu toucado
Solta Vênus, mostrando o rosto Sancto;
Eu tenho respondido co mandado
Que mandaste Neptuno sublimado".

XCIII

Assim diz; e com alta Majestade
O Rei do Salso Reino, ali falando,
Diz: - Em satisfação da tempestade
Que mandei a Albuquerque venerando,
Pretendo que a mortal Posteridade
Com Himnos o ande sempre sublimando,
Quando vir que por ti o foi primeiro,
Com fatídico espírito verdadeiro.

EPÍLOGO

XCIV

Aqui deu [fim] a tudo, e brevemente
Entra no Carro [de] Cristal lustroso;
Após dele a demais Cerúlea gente
Cortando a vea vai do Reino acoso.
Eu que a tal espetáculo presente
Estive, quis em Verso numeroso
Escrevê-lo por ver que assim convinha
Pera mais Perfeição da Musa minha.

SONETO PER ECOS, AO MESMO SENHOR JORGE D'ALBUQUERQUE COELHO

Gran Jorge, por su ser llamado - Amado,
Querer mi Verso celebrarte, - Arte
Ni cuanto el Cielo acá reparte, - Parte
Menor, dirán, de tu sagrado - Grado;

Por lo que has con valor sobrado - Obrado,
Se ocupa siempre en sublimarte - Marte,

Y para en algo acomodarte, - Darte
Quiso tan alto y recuestado - Estado;
Tu eres la gloria y la columna, - Luna
De Lusitania y refulgente - Gente,
Por quien llamarse venturosa - Osa;
Y el Cielo que tal don consiente, - Siente
Que te dio por suerte oportuna - Una
Señora excelsa y grandiosa - Diosa.

LAVS DEO

O LIVRO DIGITAL – ADVERTÊNCIA



O Livro Digital é – certamente - uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade de editoras.

Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser escaneado e compartilhado nos mais variados formatos digitais (PDF, TXT, RTF, entre outros). Todavia, trata-se de um processo demorado, principalmente no âmbito da realização pessoal, implicando ainda em falhas após o processo de digitalização, por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras.

Embora todos os livros do “Projeto Livro Livre” sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que alguns desses erros passem despercebidos. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de algumas dessas incorreções, por gentileza entrar em contato conosco, no e-mail: iba@ibamendes.com

Sugestões também serão muito bem-vindas!

Iba Mendes
São Paulo, 2014